

# RASTROS DA GUERRA – Estariam os Assaltos Anfíbios de Grandes Proporções Ultrapassados?

ALEXANDRE LUIZ ALVES DA SILVA\*  
Capitão de Mar Guerra (FN)

---

## SUMÁRIO

Introdução  
Guerra na Ucrânia – sinais, intuições, impulsos e surpresas  
A fricção na guerra – Render-se jamais  
Os rastros da guerra  
Estariam os assaltos anfíbios de grandes proporções ultrapassados?  
Conclusão

## INTRODUÇÃO

A guerra entre Rússia e Ucrânia desperta curiosidades e discussões entre acadêmicos e profissionais que se interessam pela ciência militar. Opiniões e curiosidades sobre erros, acertos, condução da guerra por ambos os participantes e as possíveis consequências se converteram, nos últimos meses, em uma alimentação diária para pensadores que pesquisam e estudam as ações, visando

processar informações que sejam úteis para o presente e para as gerações futuras.

Bismarck<sup>1</sup>, líder alemão no final do século XIX e pensador militar, dizia que “os tolos aprendem com os seus próprios erros” e que ele, Bismarck, “preferia aprender com os erros dos outros”. Há uma lógica pertinente nesta frase. Todavia, ao olharmos com lupa alguns conflitos que ocorreram ao longo da história, percebe-se que muitos líderes não atentam para exemplos do passado, tomam decisões

---

\* Doutor e mestre em Ciências Navais. Professor e pesquisador convidado pela Escuela Superior de Guerra General Rafael Reyes Prieto (2022-2024), Colômbia. Graduado pela Escola Naval, tendo atuado em unidades de ensino e operacionais no Corpo de Fuzileiros Navais ao longo de sua carreira.

1 Chanceler e estadista mais importante da Alemanha no século XIX.

precipitadas e acabam conduzindo seus países a fracassos.

Durante a Segunda Guerra Mundial (II GM), a Alemanha, após ter dominado praticamente toda a Europa, faltando apenas o Reino Unido, decidiu mudar suas ações e direcionar seus esforços militares para conquistar e ocupar a Rússia. Não obstante, parece ter planejado esse movimento em um impulso, esquecendo o que já havia sido tentado há quase 150 anos por um dos maiores generais em combate no terreno, Napoleão Bonaparte. O resultado parecia óbvio, e o outrora poderoso império alemão começou a “cavar” sua derrota naquela escolha. O que parecia ser um sonho tornou-se um desastre e um retumbante fracasso.

Na chamada Primeira Guerra da Indochina<sup>2</sup>, de 1946 até 1954, em virtude da percepção de que teria chegado o momento de tornar o Vietnã independente da França, nacionais vietnamitas se revol-

taram. Após duros combates e inúmeras baixas, os franceses foram derrotados na Batalha de Dien Bien Phu, o que marcou não apenas o fim da guerra, mas o início da derrocada francesa na região. Mesmo tendo conhecimento de todo o histórico da guerra e do que ocorreu com os franceses na região, em 1959, os Estados Unidos invadiram o Vietnã, e, após longos 15 anos, o resultado foi um fracasso vergonhoso.

O desértico Afeganistão do final dos anos 70 foi invadido pela União Soviética (URSS) em 1979, e, após uma feroz resis-

tência local, esta foi derrotada e se retirou em 1989. Devido ao ataque realizado por terroristas no dia 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos da América (EUA) invadiram o Afeganistão no mesmo ano e saíram de uma forma desastrosa somente em 2021. No final, para o mundo, outra derrota e um fracasso.

Três ocasiões diferentes, três motivos diferentes e três potências mundiais, cada uma em sua época, invadiram países mais pobres e sem poder militar, no entanto tiveram o mesmo resultado, o fracasso.

Na Guerra na Ucrânia, as ações militares iniciais da Rússia apontam para mais um fracasso político-estratégico. Percebeu-se isso quando os russos deci-

diram recuar suas tropas no Norte e Leste. Todavia, ao direcionar e ampliar seus esforços no Sul/Sudeste da Ucrânia, há que se perguntar o porquê de não terem sido empregadas forças anfíbias em uma

operação de desembarque em larga escala, a fim de conquistar e controlar importantes regiões e portos no setor sul. Certamente existiram fatores, entre o planejamento, o preparo e a execução, que influenciaram na decisão do líder russo.

Eventos iguais, ou com alguma similaridade aos listados, deveriam servir como lição aprendida para que situações semelhantes não ocorressem. No entanto assistimos novamente à invasão de outro país por uma potência, à guerra perdurando por tempo indeterminado, um combate

## Na Guerra na Ucrânia, as ações militares iniciais da Rússia apontam para mais um fracasso político-estratégico

2 Guerra da Indochina. Disponível em: [https://www.historynet.com/what-the-french-lost-at-dien-bien-phu/?#:~:text=French%20losses%20at%20Dien%20Bien,partitioned%20into%20North%20and%20South](https://www.historynet.com/what-the-french-lost-at-dien-bien-phu/?#:~:text=French%20losses%20at%20Dien%20Bien,partitioned%20into%20North%20and%20South.). Acesso em: 15 jun. 2022.

eminentemente terrestre e, supostamente, um emprego limitado de forças navais e anfíbias, diante de sinais e escolhas que poderiam ter potencializado algumas ações.

Este artigo intenciona refletir sobre a necessidade de uma correta coleta de informações e sua avaliação, tendo em vista entender a capacidade de resistência de um país e seu povo quando se intenciona invadi-lo. Busca examinar a decisão da Rússia pela não realização de uma Operação Anfíbia<sup>3</sup> (OpAnf) na região sul e, ainda, em função da falta dessa operação, ponderar se é necessário alterar a organização, o preparo e a forma de emprego dos fuzileiros navais, visando ao cumprimento de outras operações e/ou ações em prol de suas Marinhas e Forças Armadas (FA) e do próprio Estado. Ao final, será realizada uma breve conclusão.

## **GUERRA NA UCRÂNIA – SINAIS, INTUIÇÕES, IMPULSOS E SURPRESAS**

Um fato recorrente na vida do ser humano é agir por impulso. Normalmente recebemos sinais que provocam um desconforto interno em virtude de situações inopinadas que ocorrem. O corpo, neste momento, “fala” em virtude de experiências pessoais, observadas ou vivenciadas no passado. O autor supõe que, se a maioria desses sinais fosse

seguidos, situações indesejadas poderiam ser evitadas. Entretanto, devido ao livre arbítrio, os sinais são ignorados, e as escolhas são feitas por impulsos, provocando tragédias.

Estes sinais seriam rastros que surgem em diferentes frações do tempo e não são percebidos por aparecerem de forma muito pontual. Todavia, havendo a possibilidade de esses rastros serem observados no decorrer de um determinado período, por uma ou mais pessoas, questão de sorte ou sagacidade, sendo unidos e avaliados, podem possibilitar a formação de um quadro fidedigno sobre algo que se imaginava indecifrável, proporcionando a construção de reações ou ações que, se realizadas no presente ou no futuro, poderiam evitar ou mudar um processo em curso.

Por motivos que dificilmente saberemos, os líderes da Alemanha na II GM (1939-1945), dos EUA no Vietnã (1959-1975) e da Rússia no Afeganis-

tão (1979-1989) parecem ter dado mais importância aos seus impulsos em vez de atentarem para os rastros que apontavam para variáveis existentes e que ainda não estavam sob controle de seus planejadores. Se os conheciam, talvez a soberba tenha feito com que decidissem agir sem escutar vozes razoáveis.

No caso do atual líder russo, após mais de 20 anos reconstruindo seu país, tendo admiração mundial por aparentar entender sinais e tomar decisões político-estraté-

**Rastros da guerra são  
situações que se  
apresentam como sinais,  
indicando que algo pode  
ocorrer antes do início da  
invasão propriamente dita**

3 É uma operação de projeção de poder, de caráter naval, realizada pelo conjugado ForTarAnf - Força de Desembarque (ForDbq), lançada do mar sobre região litorânea hostil, potencialmente hostil ou mesmo permissiva, para cumprir missão designada (*Manual de Operações Anfíbias* – MD33-M-14 – 1ª Edição/2020).



Figura 1 – Concentração de tropas russas na fronteira com a Ucrânia e possíveis rotas de invasão  
 Fonte: Businessinsider<sup>4</sup>

gicas como se estivesse jogando xadrez, e ainda, sabendo como foi construída a formação da Ucrânia e do seu povo e conhecendo sua capacidade de resistência, torna-se difícil aceitar que sua suposta aguçada intuição, somada aos rastros existentes, não tenham indicado que ele estaria se envolvendo em uma aventura.

Em contrapartida, antes do início da guerra, muitos líderes mundiais acreditaram que a invasão não aconteceria, no entanto existiam claros sinais (Figura 1) indicando que a Rússia atacaria a Ucrânia. Os intensos movimentos de tropas russas próximos à fronteira e o seu posicionamento em várias cidades mostravam a intenção. A estas situações que se apresentaram como sinais, indicando que algo poderia ocorrer antes do início da invasão propriamente dita, poderíamos chamar de “rastros da guerra”, pois eram pontuais e isolados, mas, quando unidos e analisados, mostravam que a invasão era uma questão de tempo, todavia não se sabia quando, onde, como e qual seria o poder de combate. Ter a capacidade de unir e avaliar

as informações existentes talvez tenha possibilitado que a Ucrânia se preparasse para o que estava por acontecer.

## A FRICÇÃO NA GUERRA – RENDER-SE JAMAIS

Quando a invasão teve início, ao olharmos seu desenvolvimento em um quadro temporal, a partir do dia 24 de fevereiro, e lendo declarações de personagens russos e ucranianos envolvidos diretamente no conflito, percebe-se que o planejado não ocorreu da forma como a Rússia havia previsto.

A resposta para este aparente insucesso, o autor acredita que poderia ser encontrada no cenário ocorrido em solo europeu na II GM, nas selvas do Vietnã e no terreno desértico do Afeganistão – a resistência inquebrantável e inesperada oferecida pelos povos dos países invadidos, principalmente por meio de suas FA e de milícias, as quais se uniram contra os invasores, provocando nestes últimos grandes perdas em material e pessoal. Os rastros de derrotas em pontos isolados

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.businessinsider.com/map-russian-invasion-ukraine-2014-4>. Acesso em: 21 jun. 2022.

acabariam gerando mudanças no plano estratégico/operacional dos invasores.

Na Ucrânia isto tornou-se um fato. A resistência contínua das FA e milícias contra o ataque russo ocorreu em todas as áreas, principalmente no entorno de Kiev. Isto provocou uma grande Pausa Operacional<sup>5</sup>, e os russos, após analisarem a situação, e em virtude de rastros que foram observados, identificados, analisados e conectados, fizeram uma mudança drástica nas condutas no terreno.

As tropas russas, que invadiram a Ucrânia com grande mobilidade, a partir do norte e do nordeste (Figura 3), visando cercar, conquistar e controlar boa parte da porção leste do país e a capital da Ucrânia, Kiev, recuaram e abandonaram as posições já conquistadas. Algo totalmente inesperado. O esforço operacional/logístico foi direcionado para a conquista e manutenção de parte do setor sul/sudeste

ucraniano (Figura 4), desde as regiões de Luhansk até a cidade de Kherson.

O direcionamento do esforço de guerra russo para o setor sul/sudeste diminuiu a pressão em boa parte do país, possibilitando que a logística de ambos os países se reorganizasse. Contudo, desde o início da invasão, devido ao poder naval russo presente no Mar Negro, realizar algum tipo de OpAnf no setor sul, dentro do contexto existente, seria adequado, exequível e aceitável. No entanto tal operação não foi feita, e pela observação do processo que ainda está em curso, não o será. A pergunta que sobressai é: Por quê?

Teriam os russos informações operacionais que os impossibilitaria de realizá-la ou seria o temor de mais perdas em meios navais? A doutrina brasileira de OpAnf, historicamente, se apresentava em quatro modalidades distintas até 2011: Assalto Anfíbio (AssAnf)<sup>6</sup>, Incursão Anfíbia



Figura 3 – Situação em 8/3/2022  
Fonte: Ministério da Defesa do Reino Unido



Figura 4 – Situação em 23/6/2022  
Fonte: Ministério da Defesa do Reino Unido

5 Uma Pausa Operacional é a interrupção temporária das operações, antes das nossas forças terem atingido o seu próprio ponto culminante, com vistas à regeneração do potencial de combate, para que seja desferido o golpe decisivo sobre o adversário. Normalmente, uma Pausa Operacional é a mais curta possível, de modo a não permitir a iniciativa e a liberdade de ação ao inimigo. (MD30-M-01- *Doutrina de Operações Conjuntas*, 2º volume – Conceitos Doutrinários, 2ª edição 2020).

6 Ataque lançado do mar para estabelecer firmemente uma ForDbq em terra para conquista de área com um ou mais dos seguintes efeitos desejados: posterior lançamento de ofensiva terrestre; estabelecimento de base aérea ou naval avançada; negar ao inimigo o uso de áreas ou instalações; e contribuir para controle ou negação do uso de porção do mar adjacente. Conforme a situação, esta área poderá ou não estar efetivamente no litoral, desde que esteja ao alcance dos meios da ForTarAnf- ForDbq. O Assalto Anfíbio é a mais completa das OpAnf designadas (*Manual de Operações Anfíbias* – MD33-M-14 – 1ª Edição/2020).

(IncAnf)<sup>7</sup>, Retirada Anfíbia (RetAnf)<sup>8</sup> e Demonstração Anfíbia (DemAnf)<sup>9</sup>, sendo que o “AssAnf distinguia-se das demais OpAnf pelo fato da sua missão impor o estabelecimento de uma Força de Desembarque (ForDbq) em um litoral hostil ou potencialmente hostil” (Brasil, 2008).

Em 2011, devido às experiências praticadas pelos norte-americanos em diversos ambientes operacionais e nas recentes guerras realizadas – Iraque e Afeganistão –, foi incorporada uma nova modalidade, denominada como Projeção Anfíbia (PrjçAnf), à doutrina militar-naval brasileira, que possibilitaria o enquadramento de qualquer ação em terra diferente das outras historicamente estabelecidas, conforme se pode constatar na definição:

A PrjçAnf consistiria na inserção, em área de interesse, de tropa anfíbia para cumprimento de tarefas normalmente ligadas a contingências, tais como: apoio à solução de conflito ou crise, seja essa de natureza político-estratégica ou humanitária; promoção da paz; evacuação de não combatentes; apoio à política externa; cooperação para segurança internacional; e apoio à segurança de representações diplomáticas. A PrjçAnf normalmente caracteriza-se por atividades de menor nível de violência, realizadas por força vinda do mar e apoiada pelos navios (BRASIL, 2020).

Entre essas cinco modalidades, o AssAnf é o mais complexo e o mais difícil

de ser realizado, com maior possibilidade de fracasso. Ele demanda inúmeras coordenações, ações e envolvimento de uma enormidade de meios pessoal e material. No entanto algumas operações deste tipo foram realizadas ao longo da história das guerras e, quando bem planejadas e existindo condições favoráveis, proporcionaram vantagens importantes para os atacantes, tais como a abertura de um novo eixo de progressão, o corte da logística de sustentação do inimigo ou a alteração do sentido de um ataque.

Durante a II GM, na guerra contra os japoneses, no Oceano Pacífico, os americanos realizaram vários AssAnf para conquistar ilhas estratégicas, visando à aproximação da Ilha do Japão, o coração do império japonês, a partir da qual seria possível um ataque direto. Todavia, na Normandia, ocorreu o mais famoso desembarque, o qual proporcionou a abertura de um eixo de progressão que levou os aliados a Berlim.

Em ambos os locais, há que se considerar que as praias foram batidas por fogos aéreos ou navais, eliminando boa parte da artilharia de defesa de costa nelas existentes, e a aviação dos defensores também foi neutralizada pela superioridade aérea obtida pelos aliados. Em virtude destas e de outras ações, os AssAnf, no Pacífico e na Normandia, tiveram sucesso.

Em qualquer guerra onde exista litoral, e havendo possibilidade de realizar um AssAnf, a pergunta que deve atormentar todo e qualquer comandante diz respeito ao grau de risco ao se optar por uma OpAnf. As perdas em pessoal e material seriam aceitas?

7 Modalidade de OpAnf realizada por uma ForTarAnf, que compreende uma rápida penetração ou ocupação temporária de um objetivo em região litorânea hostil ou potencialmente hostil, seguida de uma retirada planejada (*Manual de Operações Anfíbias* – MD33-M-14 – 1ª Edição/2020).

8 Consiste na evacuação ordenada e coordenada de forças, com o efeito desejado de permitir que esta desengaje de inimigo para a sua segurança ou para seu emprego em outra região (*Manual de Operações Anfíbias* – MD33-M-14 – 1ª Edição/2020).

9 Compreende a aproximação ao território inimigo de ForTarAnf e o desenvolvimento de ações preparatórias que caracterizam uma OpAnf, entretanto sem o efetivo desembarque de tropa (*Manual de Operações Anfíbias* – MD33-M-14 – 1ª Edição/2020).

Observando as escolhas da Rússia, supõe-se que deve ter ocorrido a mesma preocupação, todavia, em virtude de sinais existentes e das perdas de meios navais já registradas, os riscos envolvidos para a realização de um AssAnf se tornaram inaceitáveis.

Até o momento da elaboração deste, as forças navais se afastaram ainda mais do litoral ucraniano. Aos olhos do que ocorreu, e ainda em andamento no setor sul, uma ação partindo do mar poderia influenciar na conquista de objetivos operacionais<sup>10</sup> de grandes valores, a fim de atingir o Estado Final Desejado Operacional (EFDop)<sup>11</sup> (uma possível rendição da Ucrânia), quando a situação ainda era, aparentemente, favorável. Quais teriam sido os motivos que influenciaram a decisão russa pela não realização de um AssAnf?

## OS RASTROS DA GUERRA

A intuição do autor indica os seguintes motivos para a não realização de AssAnf: ausência da necessária superioridade aérea; presença de artilharia bem camuflada e com elevado índice de acerto; existência de drones kamikazes operados por ucranianos, chamados *switchblade*<sup>12</sup>; e existência de militares ucranianos nas possíveis praias de desembarque operando mísseis Javelin<sup>13</sup> (Figura 5), mísseis Stinger<sup>14</sup> (Figura 6) e mísseis de cruzeiro antinavio Neptune (ASCM)<sup>15</sup> (Figura 7), estes últimos fabricados pela Ucrânia.

Ao longo desses mais de três meses de combate, vários são os relatos e imagens sobre o uso preciso da artilharia ucraniana e dos mísseis Javelin contra veículos blindados, e ainda dos mísseis Stinger



Figura 5 – Míssil Javelin  
Fonte: Exército dos EUA



Figura 6 – Míssil Stinger  
Fonte: Arquivo Nacional dos EUA



Figura 7 – Míssil Cruzeiro Antinavio Neptune  
Fonte: Poder Naval

10 É uma meta para a qual concorrerão as ações deste nível. Dessa forma, todos os esforços devem ser direcionados e concentrados para atingir esses objetivos. Os Objetivos Operacionais, somente quando alcançados coletivamente, representam o Estado Final Desejado Operacional (EFDop). (MD30-M-01- *Doutrina de Operações Conjuntas*, 2º volume – Conceitos Doutrinários, 2ª edição, 2020).

11 O EFDop decorre dos EFD estabelecidos pelos níveis político e estratégico, constituindo uma descrição sucinta das condições que, uma vez alcançadas, permitirão ao CmtOp assumir que a sua missão foi efetivamente cumprida, ou seja, um ponto além do qual a magnitude dos esforços e o grau de violência empregado pelo Poder Militar deixarão de ter influência significativa para a obtenção dos objetivos políticos e estratégicos. Em seguida, deve ser definido o problema (*Doutrina de Operações Conjuntas* – MD30-M-01, 2º volume – Conceitos Doutrinários, 2ª edição, 2020).

12 Disponível em: <https://www.avinc.com/tms/switchblade>.

13 Disponível em: <https://tecnoblog.net/meiobit/457561/missil-javelin-o-maior-pesadelo-dos-tanques-russos/>.

14 Disponível em: <https://missiledefenseadvocacy.org/defense-systems/fim-92-stinger/>.

15 Disponível em: <https://www.naval.com.br/blog/2022/04/16/o-missil-antinavio-r-360-neptune-da-ucrania/>.

derrubando aeronaves russas. As perdas aparentam ser tão grandes que os blindados evitariam se concentrar, e as aeronaves russas estariam voando a baixíssimas altitudes para evitar ações ucranianas.

Segundo o Comandante Alan D. Zimm, da Reserva da Marinha dos EUA, o ataque com mísseis ucranianos, que teriam afundado o cruzador russo *Moskva* (Figuras 8), da classe *Slava*, deve reviver a discussão sobre os *tradeoffs*<sup>16</sup>, quando da existência de mísseis antinavio. O cruza-

dor teria sido atingido por dois mísseis de cruzador antinavio (ASCM) Neptune, com ogivas de 150 kg e operados a partir de uma plataforma posicionada no litoral. As fotografias mostram que o navio teve um incêndio significativo na superestrutura dianteira, e relatos da mídia afirmam que ele sofreu uma explosão secundária de um paiol de munição ou de um de seus próprios grandes mísseis. Depois de algumas horas, ele afundou enquanto estava sendo rebocado (ZIMM, 2022).



Figura 8 – *Moskva* em plena atividade naval de mísseis de cruzador antinavio Neptune

Fonte: Revista *Poder Naval*<sup>17</sup>

O afundamento do *Moskva* e as perdas do navio anfíbio russo *Orsk*<sup>18</sup> e de dois navios-patrolha<sup>19</sup> aparentam ter sido determinantes para um maior distanciamento do restante da frota do litoral ucraniano, transmitindo uma clara demonstração de que a Marinha russa teve receio de ter mais navios afundados, principalmente outros navios anfíbios onde estariam embarcados os fuzileiros navais russos, algo que talvez tenha sido avaliado como inaceitável.

16 Seria uma situação em que há conflito de escolha, ou seja, escolher uma coisa em detrimento de outra (tradução livre do autor).

17 Disponível em: <https://www.naval.com.br/blog/2022/05/04/licoes-de-misseis-antinavio-do-naufragio-do-moskva/#:~:text=O%20ataque%20com%20m%C3%ADsseis%20ucranianos,com%20ogivas%20de%20150%20kg>. Acesso em: 31 maio 2022.

18 Disponível em: <https://www.defesaereanaval.com.br/geopolitica/ucrania-destroi-navio-de-desembarque-anfibio-orsk-da-russia>. Acesso em: 13 jun. 2022.

19 Disponível em: <https://www.naval.com.br/blog/2022/05/02/ucrania-afirma-ter-destruido-dois-navios-russos/>. Acesso em: 13 jun. 2022.

O *The Jerusalem Post*<sup>20</sup> publicou que o diretor do Rand National Security Supply Chain Institute<sup>21</sup>, Capitão (Reserva) Bradley Martin, teria dito a respeito do apoio à Ucrânia quanto a mísseis antinavio que “o que está sendo trazido é outra classe de míssil, que certamente aumentará a capacidade da Ucrânia de engajar alvos localizados” e que “a proliferação ou o fortalecimento das capacidades do ASCM da Ucrânia impede que a Rússia se aproxime o suficiente da costa para fornecer apoio de fogo ou lançar ataques anfíbios ou qualquer coisa dessa natureza”.

Além disso, o intenso investimento em novos sistemas Anti-Access<sup>22</sup>/Area Denial<sup>23</sup> (A2/AD) e mísseis antinavio (ASCM), tais como os identificados na Guerra na Ucrânia, com novas tecnologias, certamente faz com que as forças anfíbias se afastem de litorais, evitando a exposição a ataques. Esta decisão fez com que estas forças deixassem de contribuir com sua presença em terra, podendo influenciar nas decisões político-estratégicas do governo ucraniano.

Este momento terrível vivido pela Marinha russa, somado ao investimento que está sendo realizado por outros países nos últimos anos, aponta para uma necessária reflexão sobre a realização de um desembarque em larga escala, tais como os AssAnf. Atualmente, há que se considerar

que o desenvolvimento de armas com grande poder de fogo, longo alcance, operadas por novas tecnologias de alta precisão e controladas a distância, a partir de locais não detectáveis por satélites ou observação aérea, inibiria qualquer atacante.

Mesmo um país tendo superioridade em meios navais e aéreos e de fuzileiros navais, como tinha e ainda tem a Rússia, a simples existência desses armamentos e tecnologias no solo e seu uso de forma isolada e indiscriminada, provavelmente, afastaram a possibilidade da modalidade OpAnf, tornando-a inaceitável devido ao enorme risco de perdas de pessoal e material, podendo comprometer não apenas o moral da tropa, mas a missão como um todo.

## ESTARIAM OS ASSALTOS ANFÍBIOS DE GRANDES PROPORÇÕES ULTRAPASSADOS?

A natureza de todo e qualquer fuzileiro naval é a de estar embarcado, pronto para projetar poder sobre terra. Todavia há que se considerar que a última operação de desembarque em larga escala ocorreu há mais de 70 anos, na Praia de Inchon<sup>24</sup>, durante a Guerra da Coreia, em 15 de setembro de 1950. A partir daquele ano, o emprego de fuzileiros navais ocorreu de maneira pontual na forma de intervenções, tema inclusive reproduzido em um estudo<sup>25</sup> realizado por

20 Disponível em: <https://www.jpost.com/breaking-news/article-709721>. Acesso em: 21 jun. 2022.

21 Instituto Nacional da Cadeia de Suprimentos de Segurança (tradução livre do autor).

22 Antiacesso: um adversário procura impedir ou atrasar a capacidade de uma Força Anfíbia de se aproximar e acessar o teatro de operações, especialmente áreas litorâneas, a partir do oceano aberto (EUA, 2010b, p. 62, tradução livre do autor).

23 Negação de área: um adversário procura degradar ou negar a eficácia operacional de uma Força-Tarefa e aliados, ou a liberdade de ação dentro do teatro de operações, negando a capacidade desta Força de conduzir operações dentro e entre domínios, ou a capacidade desta Força de projetar poder em terra (EUA, 2010b, p. 62, tradução livre do autor).

24 Disponível em: <http://operacoesmilitaresguia.blogspot.com/2019/07/operacao-chromite.html>. Acesso em: 13 jun. 2022.

25 Disponível em: <https://www.frontliner.com.br/china-aponta-eua-como-real-ameaca-ao-mundo/>. Acesso em: 13 jun. 2022.

Lijian Zhao, porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, e publicado no *site* da Embaixada da China na Rússia.

O conjunto de ações do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA (Marines-USMC) e dos Reais Fuzileiros Navais do Reino Unido (RFN), em guerras recentes, provocou reflexões sobre a atual doutrina de emprego de fuzileiros navais sob a liderança de ambos os países. As tropas mencionadas participaram ativamente em ações no interior dos teatros de operações, combatendo pontualmente e projetando seu poder militar no terreno com características que se aproximam de Projeções Anfíbias.

Em seu Force Design (FD) 2030 Annual Update May 2022<sup>26</sup>, o atual comandante do USMC, General David H. Berger, descreveu que:

a ameaça para o nosso FD 2030 são as Forças Armadas da República Popular da China (RPC). Estamos modernizando o USMC usando a RPC como referência. No entanto o USMC não pode se dar ao luxo de se concentrar em uma única ameaça, excluindo todas as outras, e basearmos nosso projeto em um ponto de vista tão estreito... o USMC continua sendo uma força expedicionária de resposta a crises. O USMC deve ser uma força composta por unidades táticas altamente capazes, que podem realizar operações de armas combinadas em todos os escalões, organicamente habilitadas por ar e pela

logística, e uma força que pode executar as missões complexas definidas por nossos conceitos emergentes em qualquer teatro potencial. (BERGER<sup>27</sup>, FD 2030<sup>28</sup>, p. 1)

As preocupações do atual General Berger em atualizar sua doutrina de emprego têm fundamento, pois não apenas a China, mas também a Rússia, continuam investindo em seus programas de mísseis antinavio, como mostra o artigo de David Reynolds publicado na revista especializada *Defesa Naval*, intitulado “As OpAnf se adaptando para o futuro<sup>29</sup>”. Neste, é mencionado que “a evolução das ameaças também vem na forma de novos sistemas de armas”.

Segundo o publicado no boletim *Geocorrente*<sup>30</sup>, em 22 de abril de 2022, a China teria divulgado um vídeo sobre um teste realizado com o míssil hipersônico antinavio YJ-21. Este míssil teria “um alcance entre 1.000 km e 1.500 km, podendo atingir velocidades acima de 6.000 km/h, tendo uma trajetória de voo imprevisível”.

Com essas características, “nenhum sistema de defesa da atualidade é capaz de parar um ataque de mísseis desta categoria”. Pequim teria como propósito utilizar este míssil “a bordo de seus contratorpedeiros da classe *Type-055* (Figura 9), a mais moderna da Marinha chinesa, constituindo um importante instrumento de dissuasão contra os porta-aviões e demais alvos prioritários da Marinha dos Estados Unidos presentes no entorno estratégico chinês” (GEOCORRENTE, 2022).

26 Atualização Anual do Projeto de Força/2030, publicado em maio de 2022.

27 General David H. Berger, atual comandante do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA (Marine Corps).

28 Disponível em: [https://www.marines.mil/Portals/1/Docs/Force\\_Design\\_2030\\_Annual\\_Update\\_May\\_2022.pdf](https://www.marines.mil/Portals/1/Docs/Force_Design_2030_Annual_Update_May_2022.pdf). Acesso em: 24 jun. 2022.

29 Disponível em: <https://www.defesaareanaval.com.br/analise/as-operacoes-anfibia-se-adaptando-para-o-futuro>. Acesso em: 24 jun. 2022.

30 Disponível em: [https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br/egn/files/Boletim\\_Geocorrente-162.pdf](https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br/egn/files/Boletim_Geocorrente-162.pdf). Acesso em: 24 jun. 2022.



Figura 9 – Contratorpedeiros da classe *Type-055*  
 Fonte: Revista *Naval News*<sup>31</sup>

O crescimento e a disseminação de armas sofisticadas de grande precisão, entre países que figuram como adversários dos EUA, forçaram uma necessária revisão da doutrina de emprego, visando manter não apenas o USMC, mas a própria força naval, mais distante do litoral, atuando com frações menores e em embarcações que tenham mais velocidades, menor tamanho e mais flexibilidade em seu emprego.

Assim foi desenvolvido nos EUA, nos últimos anos, o conceito de Littoral Operations in Contested Environments<sup>32</sup> (Loce), que prevê “a aplicação integrada das capacidades da Marinha (USN) e do USMC para superar ameaças emergentes em áreas litorâneas que estão se expandindo rapidamente em profundidade operacional, complexidade e letalidade”. Baseia-se na ênfase de que “a obtenção do controle do mar deverá ser realizada, incluindo o emprego de recursos do USMC, baseado no mar e em terra” (LOCE, 2017)<sup>33</sup>, e o conceito de Forças Stand-In<sup>34</sup> (SIF), que seriam:

forças pequenas, mas letais, projetadas para operar em todo o mundo dentro de uma área contestada como a vanguarda de uma defesa marítima em profundidade. Elas operam com baixa assinatura e grande mobilidade, sendo relativamente simples de se manter e sustentar. Dependendo da situação, essas forças são compostas por elementos do USMC, da USN, da Guarda Costeira,

das forças de operações especiais, de interações e de aliados e parceiros (BERGER, 2021).

Em seu *Commandant’s Planning Guidance*<sup>35</sup>, Berger afirma que os “dias de operações anfíbias de navios de grande porte terminaram em sua forma atual”, acrescentando ainda que

buscaria economizar dinheiro e tornar o USMC mais dinâmico e pronto para os desafios do século XXI, implicando maior integração com a USN em um conceito de operações que se afasta de desembarques anfíbios em larga escala expostos a ataques. Seria ilógico continuar concentrando nossas forças em alguns navios grandes. Precisamos mudar esse cálculo com um novo *design* de uma frota de plataformas menores, mais letais e com riscos mais calculados. Não podemos nos dar ao luxo de manter políticas, doutrinas e organizações desatuali-

31 Disponível em: <https://www.navalnews.com/naval-news/2022/01/bigger-than-a-u-s-navy-aegis-cruiser-china-is-building-more-type-055s/>.

32 Operações em Litorais com Ambiente Contestado (tradução livre do autor).

33 LOCE full size edition.pdf. Acesso em: 21 jun. 2022.

34 211201\_A Concept for Stand-In Forces.pdf. Acesso em: 21 jun. 2022.

35 38th Commandant’s Planning Guidance\_2019.pdf. Acesso em: 21 jun. 2022.

zadas ou forçar desenvolvimento de estratégias ultrapassadas. O que nos serviu bem ontem pode não servir hoje (BERGER, 2019).

Berger decidiu realizar um salto operacional. A estrutura organizacional, base de emprego do USMC, conhecida como Força-Tarefa Aeroterrestre Marítima (MAGTF)<sup>36</sup>, foi removida, mostrando sua disposição de alterar profundamente a forma de empregos do USMC.

O Reino Unido também está atento às evoluções e promove mudanças na doutrina de emprego dos RFN. Em 2019, colocou em prática o conceito de Littoral Response Group<sup>37</sup> (LRG), envolvendo o embarque de apenas uma companhia de fuzileiros navais com cerca de 200 militares em navios anfíbios, além de elementos de apoio ao combate, tais como Guias Aéreos Avançados (JTAC), pessoal da área de comunicações e armamentos pesados. Navios menores e com características muito especiais teriam mais flexibilidade e mobilidade, todavia sem perder sua capacidade de poder de fogo.

No *site* Navylookout<sup>38</sup>, é descrita uma nova visão da Real Marinha do Reino Unido em relação ao Littoral Response Group:

uma transformação de uma capacidade de intervenção voltada para o século XX em uma força marítima avançada com visão de futuro. Em termos gerais, frotas de veículos pesados, linhas de abastecimento lineares, tiroteios imprecisos e embarcações

de superfície vulneráveis serão substituídas por ataques de precisão, alta mobilidade, C4ISR moderno, sistemas autônomos em rede e recursos de detecção. (NAVYLOOKOUT, 2021)

O General Matt Holmes, atual comandante-geral dos RFN, está à frente de estudos visando desenvolver uma nova doutrina de emprego. Em uma entrevista à revista *Jane's*<sup>39</sup>, relata que fundamenta seu planejamento no “embarque em navios costeiros (LSS) e na adaptação das frações embarcadas para que se tornem Força de Operações Marítimas Especiais. Isto significa uma menor quantidade embarcada, no entanto todos com melhor qualidade, a nível de tropas de operações especiais”. O general afirmou ainda que seria necessária “a existência de comandos ágeis e robustos, capazes de operar uma variedade de sistemas para vencer a luta, se necessário, em um ambiente hostil” (HOLMES, 2020 em *Jane's*).

Em 2020, a Marinha do Brasil aplicou na prática a modalidade de OpAnf, conhecida como Projeção Anfíbia. Por exatos dois meses, uma Força de Desembarque (ForDbq), constituída por tropas anfíbias, foi embarcada em navios multipropósitos da MB, dentro de uma operação militar, navegando do Rio de Janeiro ao Amapá, mantendo-se pronta para cumprir qualquer tipo de ação em terra ou no mar, projetando o Poder Naval.

Foram várias as missões recebidas e cumpridas durante todo o período, todas inerentes à Projeção Anfíbia e inseridas

36 Disponível em: <https://www.marines.com/about-the-marine-corps/marine-corps-structure/air-ground-task-force.html>.

37 Grupo de Resposta de Litoral.

38 Disponível em: <https://www.navylookout.com/understanding-the-royal-navy-littoral-response-group-concept/>. Acesso em: 25 jun. 2022.

39 Disponível em: <https://www.defesaereanaval.com.br/analise/as-operacoes-anfibas-se-adaptando-para-o-futuro>. Acesso em: 25 jun. 2022.

em um movimento expedicionário. Para os militares envolvidos, foi uma oportunidade ímpar, pois, além de inusitada, foi uma experiência profissional única.

O Comando da Força de Fuzileiros da Esquadra (ComFFE), tendo representações de várias unidades subordinadas, participou, junto aos meios navais do Comando em Chefe da Esquadra, de um movimento expedicionário cobrindo a maior parte do litoral brasileiro, passando por três regiões federativas: Sudeste, Nordeste e Norte. A previsão, somente na ida, era navegar 2.212 milhas, durante 35 dias, cumprir tarefas na foz do Rio Amazonas e atracar para reabastecimento.

Por ser uma missão inusitada para boa parte da tropa, pois fazia alguns anos que uma grande quantidade de militares não embarcava por tanto tempo em meios navais, haveria a necessidade de todos trabalharem muito bem o psicológico e manterem o preparo físico e uma continuada excelência operacional.

Três navios foram disponibilizados para o embarque da tropa. Esta foi distribuída atendendo a particularidades de cada meio, tendo os comandantes de tropa, em cada navio, conhecimento da intenção do comandante, mas uma total independência nas ações. A configuração adotada, por uma feliz coincidência, muito se assemelhava ao imaginado para os Reais Fuzileiros Navais, pelo General Holmes, e para os Marines, pelo General Berger, ou seja, forças pequenas, tendo apoio, com grande qualidade, que proporcionaria uma desejada e necessária flexibilidade e versatilidade, possibilitando uma enorme capacidade de emprego.

Desta forma, observando os conflitos ocorridos nos últimos 50 anos, dos quais o USMC participou; o Force Design (FD) 2030, do atual comandante do USMC, General Berger; o entendimento

do General Holmes no Reino Unido; os sinais emitidos por países considerados potências militares, no que tange ao desenvolvimento de armamentos mais sofisticados, com grande alcance e poder de choque, e uma estratégia de defesa que visa manter qualquer força atacante longe de seus litorais; e a decisão dos russos na Guerra da Ucrânia pela não realização de uma OpAnf no litoral sul da Ucrânia, em virtude dos riscos envolvidos, entende-se que estes sinais nos fazem pensar que a realização de OpAnf de larga escala, tais como o AssAnf, encontraria grande dificuldade e elevado risco operacional e logístico. A tendência atual é pela diminuição ou supressão de seu emprego e o fortalecimento de outra modalidade de OpAnf, chamada Projeção Anfíbia, que encontra base nas circunstâncias já em estudo em outros países, mostrando-se interessante quando o autor teve a oportunidade de liderar uma tropa embarcada por dois meses, tendo sido configurada, de forma versátil e flexível, características de uma Projeção Anfíbia, como uma Força de Projeção Marítima Expedicionária (FPEM), pois, em seu escopo, tinha um ou mais navios multipropósitos, escoltas, navios-tanque, aeronaves e tropas anfíbias.

## CONCLUSÃO

Vários foram os rastros que se apresentaram no conflito ora ocorrendo na Ucrânia, e, mesmo sendo pontuais e isolados, quando finalmente foram percebidos, unidos e analisados, mostraram que o povo ucraniano, suas FA e milícias continuam sendo capazes de resistir ao poderio bélico da Rússia, e conclui-se que as ações no terreno apontam para uma guerra prolongada, de atrição e com inúmeras baixas.

Após a Rússia ter vocacionado seu esforço de guerra para o setor sul, havia a perspectiva pela realização de um grande desembarque anfíbio em alguma porção do litoral ucraniano no Mar Negro, para conquista e ocupação de pontos ou áreas vitais. Até este momento não ocorreu, e, ao contrário, seus meios navais se afastaram do litoral.

Os indícios apontam para a existência, em locais não identificáveis, de armamentos com novas tecnologias, tais como drones kamikazes (Switchblade), mísseis (Javelin, Stinger e Neptune) e de um intenso investimento em novos sistemas Anti-Access/Area Denial (A2/AD), indicando que os russos perceberam que manter tropas anfíbias embarcadas em meios navais, próximas ao litoral, as colocaria sob um enorme risco operacional, e que mais perdas não seriam aceitas.

Estes fatos ratificam os estudos desenvolvidos, no âmbito do USMC e dos RFN, sobre uma necessária reformulação do conceito doutrinário de emprego de uma força anfíbia. Cresceu a percepção de que manter grandes efetivos de fuzileiros navais embarcados, mesmo estando distante do litoral, os expõe a riscos de perdas de pessoal e material considerados inaceitáveis. Logo, o desembarque de tropa em larga escala, o AssAnf, estaria ultrapassado e deveria ser abandonado.

Assim, no USMC e nos RFN, decidiu-se pela redução do tamanho de suas forças, por uma reorganização e pela especialização da tropa a nível de operações especiais. Foram introduzidos conceitos de Loce, Forças Stand-In e LRG, os quais visam superar ameaças emergentes em áreas do litoral e enfatizar que a obtenção do controle do mar deverá ser realizada incluindo o emprego de recursos baseados no mar e em terra,

passando as forças anfíbias a integrar, junto às forças navais, o processo de estabelecimento do controle marítimo e a conquista da superioridade aérea.

Neste contexto, a Projeção Anfíbia, modalidade de OpAnf que visa empregar a tropa em variados conflitos e em diferentes dimensões, passou a ser prioridade no preparo e no emprego. Essas decisões de duas importantes unidades de fuzileiros navais no mundo apontam para uma nova realidade que se impõe.

Não há mais espaço para as tropas anfíbias de outros países permanecerem presas ao século XX e ao que foi realizado naquele período. A declaração de Berger, comandante dos Marines, enfatizando que “o que nos serviu bem ontem pode não servir hoje”, reforça a necessidade de reformular doutrinas, focando na reorganização, no preparo e no emprego das tropas, para torná-las especiais e em um permanente embarque nos meios navais, mantendo-as sempre prontas e com capacidade expedicionária.

Desta forma, tomando-se como ensinamento o observado nos conflitos ocorridos nos últimos 50 anos, os estudos adotados pelo USMC e pelos RFN e o ocorrido na Guerra na Ucrânia, intui-se que a realização de OpAnf em larga escala, tais como o AssAnf, teria grande dificuldade e elevado risco operacional e logístico. A tendência atual é pela sua diminuição ou supressão de seu emprego e fortalecimento de outra modalidade de OpAnf, chamada Projeção Anfíbia, podendo ser realizada a partir de um conjugado anfíbio, navegando em uma configuração de Força de Projeção Marítima Expedicionária (FPME), que poderia conter um ou mais navios multipropósitos, escoltas, navios-tanque, aeronaves e tropas anfíbias.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<ARTES MILITARES>; Arte na Guerra; Decisão na Guerra; Guerra;  
<GUERRAS>; Guerra Anfíbia;

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BERGER, David H. “The Posture of the United States Marine Corps”. 2021. Disponível em: [https://www.armed-services.senate.gov/imo/media/doc/\(CLEARED\)\\_SASC\\_Posture\\_Statement\\_PB22\\_FINAL\\_26\\_Apr\\_2021\\_1715.pdf](https://www.armed-services.senate.gov/imo/media/doc/(CLEARED)_SASC_Posture_Statement_PB22_FINAL_26_Apr_2021_1715.pdf). Acesso em: 25 jun. 2022.
- BERGER, David H.; EVANS, Ryan. “Uma conversa com o comandante: general David H. Berger sobre a nova direção do Corpo de Fuzileiros Navais”. 2020. Disponível em: <https://warontherocks.com/2020/04/a-chat-with-the-commandant-gen-david-h-berger-on-the-marine-corps-new-direction/>. Acesso em: 25 jun. 2022.
- BERGER, David H. “Commandant’s Planning Guidance”. 2019. Disponível em: [https://www.hqmc.marines.mil/Portals/142/Docs/%2038th%20Commandant%27s%20Planning%20Guidance\\_2019.pdf?ver=2019-07-16-200152-700](https://www.hqmc.marines.mil/Portals/142/Docs/%2038th%20Commandant%27s%20Planning%20Guidance_2019.pdf?ver=2019-07-16-200152-700). Acesso em: 25 jun. 2022.
- BERGER, David H. “A Concept for Stand-in forces”. 2021. Disponível em: [https://www.hqmc.marines.mil/Portals/142/Users/183/35/4535/211201\\_A%20Concept%20for%20Stand-In%20Forces.pdf?ver=MFOzu2hs\\_IWHZlsOAKfZsQ%3D%3D](https://www.hqmc.marines.mil/Portals/142/Users/183/35/4535/211201_A%20Concept%20for%20Stand-In%20Forces.pdf?ver=MFOzu2hs_IWHZlsOAKfZsQ%3D%3D). Acesso em: 21 jun. 2022.
- BRASIL. MD30-M-01- Doutrina de Operações Conjuntas. 1º volume – Conceitos Doutrinários, 2ª Edição, 2020.
- BRASIL. CGCFN-1-8.1. *Manual de Operações de Paz de Caráter Naval*. 1ª Edição, 2010.
- BRASIL. CGCFN-1-1. *Manual de Operações Anfíbias dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais*. 1ª Edição, 2008.
- EUA. Naval Operations Concept. Implementing The Maritime Strategy. Washington, D.C., 2010.
- FERNÁNDEZ, Tomás e TAMARO, Elena. “Biografía de Halford John Mackinder”. En *Biografías e Vidas. La enciclopedia biográfica en línea*. Barcelona, España, 2004. Disponível em: <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/m/mackinder.htm>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- NORMAN, Geoffrey. “O que os franceses perderam em Dien Bien Phu”. 2018. Disponível em: <https://www.historynet.com/what-the-french-lost-at-dien-bien-phu/?#:~:text=French%20losses%20at%20Dien%20Bien,partitioned%20into%20North%20and%20South>. Acesso em: 15 jun. 2022.
- PADILHA, Luiz. “As Operações Anfíbias se adaptando para o futuro”. 2020. Disponível em: <https://www.defesaareanaval.com.br/analise/as-operacoes-anfibias-se-adaptando-para-o-futuro>. Acesso em: 25 jun. 2022.
- SHELBOURNE, Mallory. “CMC Berger: o Corpo de Fuzileiros Navais precisa de LAW e grandes navios anfíbios”. 2022. Disponível em: <https://news.usni.org/2022/02/08/cmc-berger-marine-corps-needs-both-law-and-large-amphibious-ships>. Acesso em: 25 jun. 2022.
- GUERRA DA INDOCHINA. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-indochina.htm>. Acesso em: 15 jun. 2022.